



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

### **HOMILIA**

Ref. HML\_25/2017

Homilia na Solenidade de Todos os Santos

Braga, Sé Catedral, 01.Nov.2017, 11h30

### ***A felicidade que perdura***

O apóstolo Mateus inicia a narração de um dos episódios mais marcantes da vida pública de Jesus com uma fórmula curiosa. “Naquele tempo, ao ver as multidões, Jesus subiu ao monte... e começou a ensinar” (Mt 5,1). Um tempo indefinido e um conjunto de rostos anónimos. Poderia perfeitamente ser o nosso tempo e o nosso nome ou o nosso rosto. Compreendemos, assim, que os ensinamentos de Jesus ultrapassam a barreira do tempo e oferecem respostas às nossas próprias questões.

É ainda particularmente significativo que Jesus se tenha sentado com a multidão para a ensinar a ser feliz. Não conheceremos o caminho da felicidade? Na verdade, se percorrermos as prateleiras de algumas livrarias, encontraremos diversos livros de auto-ajuda com soluções mágicas para se atingir a felicidade. Normalmente essa felicidade é prometida sem grande esforço e para um presente imediato. Este é porventura o grande equívoco dos tempos modernos. Procurar a felicidade evitando qualquer espécie de esforço, de dor ou de mudança. É uma vã promessa. Mais irrealista é a promessa de uma felicidade baseada no imediato e no ter: ter dinheiro, ter muitos bens ou dominar as pessoas. Quando os nossos desejos se alicerçam na posse, a infelicidade ou tristeza será uma eterna companheira. Nunca nada nos satisfará totalmente.

Aquilo que Jesus hoje nos ensina é uma felicidade realista, ou seja, um caminho governado pelas virtudes de sobriedade, humildade e compaixão. Um caminho que tem a eternidade como horizonte mas que, ao mesmo tempo, transforma o modo como vivemos o nosso presente. Neste sentido, a felicidade e a esperança cristã são dois valores inseparáveis. Como sabemos, a esperança, à qual dedicaremos os próximos três anos pastorais na nossa Arquidiocese, faz-nos reconhecer que a meta é a vida eterna e para a qual caminhamos na condição de peregrinos.

Os últimos Papa da nossa história – o Papa Francisco e o Papa Bento XVI –, assim como os Padres da Igreja, dizem-nos que a eternidade tem uma dimensão **ética e espiritual**.

Ética porque é o evento pascal, ou seja, o mistério da morte e ressurreição de Cristo que nos revela qual o modo mais adequado para vivermos os nossos dias e resolvermos os nossos dilemas. Dito de um modo ainda mais simples: quando um dia nos encontrarmos com o Senhor, como gostaríamos de apresentar a nossa vida e tudo quanto fizemos?

Relendo o Evangelho das Bem-Aventuranças, percebemos o compromisso ético da eternidade: ter fome e sede de justiça, promover a paz e sermos humildes. São valores que nos comprometem com os



outros porque, na verdade, a nossa felicidade está vinculada à dos nossos semelhantes. Mas a eternidade possui ainda uma dimensão espiritual, igualmente expressa no Evangelho. Somos felizes quando dóceis em Espírito, quando temos um coração puro, misericordioso e quando nos reconhecemos filhos de Deus. Tal como a ética, a espiritualidade introduz-nos a relevância de Cristo no nosso projecto de vida. Sem Ele nada seríamos e qualquer alegria, numa lógica cristã, seria efémera.

O ensinamento de Cristo, junto à multidão daquele tempo, é, como afirmei anteriormente, válido para o nosso tempo. Não se trata de teorias abstractas. Pelo contrário. Quando olhamos para a vida de tantos santos conseguimos verificar, com clareza, em que medida o espírito das bem-aventuranças tocou e transformou as suas vidas. Celebramos hoje a Solenidade de Todos os Santos. Mas permitam-me que recorde em particular o Arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires. É nosso desejo que brevemente seja declarado Santo. E, de facto, quando olhámos para a sua vida, constatamos que esta dimensão ética e espiritual esteve sempre presente no seu caminho. Viveu de modo pobre, gastou-se nas visitas pastorais, muitas vezes em condições adversas, sentiu a rejeição e a incompreensão de muitos, promoveu a paz e a justiça... entregou-se inteiramente a Deus. Por tudo isto, podemos afirmar, no espírito do Evangelho, “que é grande nos Céus a sua recompensa”.

É este mesmo espírito de felicidade realista, ou seja, uma felicidade comprometida com a realidade e com Deus, que nos foi pedida pelo Senhor. O projecto de santidade pode, à partida, parecer de difícil concretização ou até mesmo parecer que é apenas destinado aos outros. Sabemos, contudo, que a comunidade dos santos é o conjunto dos Santos que estão junto de Deus mas também nós próprios, discípulos de Cristo. S. Paulo, nas suas cartas apostólicas, saudava sempre os cristãos chamando-os de santos. Esta referência é particularmente significativa porque nos revela que a santidade, a felicidade e a esperança são caminhos comunitários. Não devemos nem temos de os percorrer sozinhos. Fazemos parte daqueles que crêem em Jesus Cristo e é como comunidade que seremos salvos.

Estar integrado numa comunidade é, ao mesmo tempo, desenvolver a capacidade de fazer memória. De saber que alguém que nos precedeu apresentou-nos Cristo, trouxe-nos à Igreja e ensinou-nos a rezar. Apesar de a comemoração dos todos os fiéis ser apenas amanhã, gostaria de aproveitar esta oportunidade para rezarmos e fazermos memória, em comunidade, de todos os nossos familiares e amigos que faleceram. Também eles são os santos que nos precederam.

A eternidade, na qual vivem todos os santos, é a alegria eterna. Como nos lembrava o Papa Bento XVI, a eternidade cria em nós um momento de apaziguamento, um momento onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade, um momento onde mergulhamos no eterno amor de Deus.

Que os Todos os Santos intercedam por nós e que Maria caminhe ao nosso lado, mostrando-nos o caminho da felicidade através da entrega ao bem comum, da entrega a Deus e do cuidado de nós próprios.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*